Boletim de Notícias NS

NSDAP/AO : PO Box 6414
Lincoln NE 68506 USA
www.nsdapao.org

#1141 26.01.2025 (136)

A educação de um génio do mal

por Gerhard Lauck

Parte 7

Células e redes

Por razões de segurança, respeitámos rigorosamente o sistema de células.

No entanto, um líder de célula solitário, Armin, encontrou uma forma de contornar a situação. Participou numa marcha da tocha organizada pela secção de jovens do NPD. Havia cerca de 150 participantes. Gritou: *AO para a retaguarda!* (NSDAP/AO, ou simplesmente AO, são as abreviaturas do nome alemão muito longo da nossa organização).

Descobriu que o nosso povo constituía um terço de toda a manifestação! Foram estabelecidos contactos. As campanhas em grande escala foram muito bem sucedidas.

Várias equipas saturaram até as ruas da baixa das grandes cidades com centenas de cartazes nossos numa única noite. Vigias com walkie-talkies foram colocados nos extremos das ruas. Duas equipas trabalhavam em ambos os lados da rua. Havia sempre uma grande agitação na manhã seguinte.

Por vezes, era efectuada uma detenção. O regime proclama a vitória. Mas o espetáculo repetia-se algumas semanas mais tarde.

Esta situação manteve-se durante algum tempo. Mas as coisas acabaram por terminar como tinham de terminar.

No entanto, o resultado a longo prazo foi a existência tanto de pequenas células no sentido tradicional como de "redes de células" de maior dimensão. As primeiras tinham uma vantagem defensiva e as segundas uma vantagem ofensiva.

Comédia de Erros

Eu era o chefe de projeto.

A tarefa consistia em transportar mantimentos através de vários países neutros até ao destino final num país hostil.

Várias equipas participaram ativamente. Em geral, a equipa A falava a língua A, a equipa B falava a língua B e a equipa C falava a língua C.

Se eu tivesse *sorte*, as equipas em *contacto direto* descobriam rapidamente uma linguagem comum compreendida por pelo menos um membro de cada equipa.

Se *não* tivesse *sorte*, era obrigado a servir de intermediário e intérprete.

Esta foi uma das vezes em que *não tive sorte*.

Neste caso, podemos dizer com segurança: *O que temos aqui é uma falha de comunicação.*

A equipa A faz uma pergunta.

Eu traduzo.

A equipa B responde à pergunta.

Eu traduzo.

A equipa A rejeita a resposta.

Eu traduzo.

A equipa B insiste que a resposta está correcta.

Eu traduzo.

A equipa A diz que a resposta está *obviamente* errada por tal e tal razão.

Eu traduzo. Mas também pergunto *porque* é *que* a resposta está correcta.

A equipa B explica que a resposta está *obviamente* correcta por tal e tal razão.

Parar!

Percebo imediatamente o problema: *a mentalidade!* Tenho experiência mais do que suficiente para compreender as duas mentalidades e perceber exatamente o que se passa aqui. - Então, explico tudo às duas equipas. Ambas ouvem a minha explicação e acenam com a cabeça em sinal de concordância. Sim, agora tudo está claro.

O que é que acontece a seguir?

Voltamos ao primeiro passo!!!

Porquê?

A equipa A não vai conseguir perceber o que se passa na sua cabeça!

Para eles, é simplesmente inconcebível que a resposta correcta esteja de facto correcta. Imagine, por exemplo, que alguém lhe dizia que 1+1 = 2 NÃO é uma verdade universal. "Talvez 1+1 = 2 nos EUA, mas 1+1 = 3 na Europa e 1+1 = 4 na

Ásia." - *Obviamente* errado, dizes tu! *Mas tens a certeza absoluta e absoluta disso?*

Na verdade, 1+1 = 2 NÃO está sempre correto! E se o sistema de numeração *não* for baseado na *dezena*! Num sistema de numeração baseado no 2, por exemplo, 1+1 = 10!

Eis outro exemplo: "Sim = sim e não = não". Mas será que é assim? Mais tarde descobri que, na Ásia, "sim" nem sempre significa "sim" no sentido ocidental. Pode ter *três significados diferentes*: Primeiro, sim no sentido de simplesmente ser *educado*. Segundo, sim no sentido de "sim, percebo o que queres dizer". Terceiro, "sim" no sentido de "sim, concordo consigo!"

Mas a nossa história de infortúnio continua.

No caminho através de vários países neutros, avisto um par de homens suspeitos. Mais tarde, reparo que alguém nos fotografa a longa distância enquanto se ajoelha ao lado do nosso carro no parque de estacionamento.

Chega o momento da verdade, quando finalmente chegamos à fronteira crucial para o país hostil. Conseguimos passar!

No entanto, ainda há uma hipótese de nos terem deixado passar para identificar os nossos colegas de trabalho.

O carregamento é levado para um local de armazenamento alternativo. Eu levo uma pequena parte comigo.

Mais tarde, as limitações financeiras obrigam-me a correr mais riscos do que o habitual. Fui preso com a minha parte do carregamento. É suficientemente grande para causar uma grande agitação, mas não o suficiente para nos prejudicar muito.

Encontro-me com o par suspeito acima mencionado na esquadra da polícia. Um deles diz-me que seguir-nos tinha sido "uma brincadeira de crianças". Receio o pior.

Mas temos sorte. Eu sou o único que foi preso.

Claro, a polícia faz buscas nas casas e nos escritórios dos outros, mas não encontra nada. A minha gente nem sequer é detida!

Talvez a equipa de vigilância nos tenha perdido. Talvez se tenham simplesmente tornado preguiçosos e tenham achado que poderiam apreender os mantimentos e efetuar as detenções em rusgas posteriores... De facto, *os erros deles* compensaram os *nossos erros!*

O resultado final é um homem, nomeadamente eu, passar alguns meses na prisão e a perda de uma parte aceitável dos mantimentos. A maior parte dos mantimentos escapa à apreensão e é utilizada de forma excelente. Ganhámos esta ronda. [Ver *Hotel Um*, *Hotel Dois* e Jogo *Judicial #1*.]

Mesmo o breve período de prisão vale a pena. É educativo. Muito mais tarde, desconfiamos de qualquer líder ativista de longa data que não *tenha passado* al-

gum tempo na prisão.

Lembro-me de um caso em particular (Ewald), em que isto se revelou verdadeiro.

Mas continuo a ter sorte. Nos primeiros tempos, ainda não somos levados tão a sério. As penas de prisão são geralmente de meses. Mais tarde, quando formos levados a sério, passarão a ser anos. A futura figura dominante do "braço legal do movimento", Michael Kühnen, passou metade da sua vida adulta na prisão apenas por crimes de pensamento!

Um camarada chamado Kurt disse-o da seguinte forma *Um homem sem prisão é como um homem sem cicatrizes!*

A minha primeira prisão

O primeiro hotel de luxo gerido pelo Estado era rigoroso, mas compreensivo. Pude pendurar na parede uma pequena bandeira da resistência sul-americana e guardar literatura sobre a resistência no meu quarto. Os funcionários do hotel apareciam frequentemente para uma conversa amigável.

Lembro-me da primeira vez que um paquete me acompanhou à minha nova casa longe de casa. Ele olhou-me com um ar intrigado e comentou: *O teu lugar não é aqui?*

Quando comecei a explicar, ele interrompeu-me: *Sim, lembro-me de ter lido sobre si no jornal!* Toda a equipa me tratou como um convidado de honra. Obviamente, eu tinha muitos fãs aqui.

Uma noite, estava em cima da minha mesa, junto à janela. Queria ver as estrelas. Um empregado entrou no meu quarto e perguntou-me o que estava a fazer. Eu disse-lhe. Enquanto ele inspeccionava a janela, eu dirigi-me à porta. Como gosto de me divertir, pensei em sair para o corredor, fechar a porta e trancá-lo no meu quarto! Só por brincadeira. Mas decidi não o fazer. Não é boa ideia irritar os empregados.

Uma vez, um visitante entregou-me um papel às escondidas. Eu não estava à espera e deixei-o cair no chão. Isto foi estranho. O que é que se há-de fazer? Felizmente, o funcionário do hotel que estava a supervisionar a visita fez o inesperado. Em vez de o agarrar e de nos repreender, pegou nele e entregou-mo!

Dei bom uso às minhas férias. Escrevi uma brochura que descrevia os conceitos básicos por detrás do NSDAP/AO. O título era "O *NSDAP/AO: Estratégia, Propaganda e Organização.*" (*O NSDAP/AO: Estratégia, Propaganda e Organização.* Nunca foi publicada uma edição em inglês. No entanto, mais tarde publicámos edições em inglês e alemão de uma outra brochura intitulada *An Introduction to*

the NSDAP/AO: The Fights Goes On!)

O segundo hotel foi diferente. Tudo foi confiscado. Mas devolveram-mo quando fiz o check-out.

Ironicamente, embora a gerência não fosse claramente simpática, as regras aplicáveis aos hóspedes eram, em geral, muito menos rigorosas do que no primeiro hotel.

Por exemplo, tinha uma espécie de "átrio". Basicamente, uma sala de convívio com uma televisão. Nós, os hóspedes, ficávamos por lá algumas horas por dia, a ver televisão, a jogar às cartas ou simplesmente a conversar.

Na primeira vez que lá estive, um dos funcionários entrou e entregou-me uma pilha de cartas.

Confuso, um dos outros convidados perguntou: *Porque é que lhe deram TODO o correio?*

A resposta: *Eu não fiz, é tudo dele!"*

De início, mantive-me reservado.

Até que um dia, um dos colegas que estava a jogar às cartas noutra mesa olhou para mim e perguntou-me casualmente: *Assassinato?*

Sorri, abanei a cabeça e disse: "*Não!*

Noutra ocasião, estava a passar um filme sobre a prisão na televisão. Um dos convidados comentou que não parecia apropriado, dadas as circunstâncias. Os outros concordaram. Alguém mudou de canal.

Contra todas as probabilidades

Vários meses após a minha libertação, coordeno um projeto semelhante. Desta vez, o adversário está preparado para nós. Mas nós também estamos bem preparados.

Encontro-me com o chefe da equipa, Uwe, num país neutro, a Dinamarca, perto da fronteira com o país-alvo hostil, a Alemanha. Ele informa-me que existe uma vigilância maciça.

Entro no carro dele e começamos a conduzir em direção ao posto fronteiriço. Apenas alguns metros antes de chegarmos ao portão, ele dá meia volta e foge do posto. Olhando em volta, vemos meia dúzia de carros sem identificação a sair do outro lado da fronteira.

Estes carros seguem-nos enquanto conduzimos ao longo de uma estrada paralela à fronteira. Depois paramos, saímos e entramos no bosque em direção à fronteira. A principal troca de informações tem lugar neste bosque, a poucos metros da fronteira. Quando estamos a terminar, vemos lanternas a piscar no crepúsculo, aproxi-

mando-se de nós pela estrada, presumivelmente a polícia alemã. Regressamos ao nosso carro, partimos e depois separamo-nos.

Quando, depois, me dirijo sozinho para outro país neutro, o Reino Unido, sou mandado parar na fronteira. A polícia informa-me que o homólogo do Secretário do Interior dos EUA, ou seja, o Ministro do Interior, ordenou pessoalmente a minha detenção. Aceito partir voluntariamente e a expensas minhas, mas peço autorização para fazer um telefonema. A autorização é-me concedida.

Na presença da polícia, telefono ao Michael, o líder de um grupo aliado neste país, explico-lhe a situação e peço-lhe que se encontre comigo no local de partida previsto. Ofereço-me para o levar comigo para o meu próximo destino, a expensas minhas. Ele aceita.

Depois da minha conversa telefónica, o agente da polícia é chamado à sala ao lado. Quando regressa, informa-me de que não me será permitido fazer mais telefonemas.

Quando explico a magnitude da vigilância ao Michael, vejo que ele não acredita em mim. Com muito tato, explica-me que este é o *seu* país, que tem *muitos anos de experiência* aqui e que, por isso, *sabe o que a polícia faz e não faz aqui!*

Compreendo-o perfeitamente. Mas tenho de o convencer de que esta situação é totalmente diferente de tudo o que ele já viveu no passado. Por isso, aponto três pessoas e peço-lhe que se lembre das suas caras, porque vai voltar a vê-las. Ele está cético, mas concorda.

Tive esta experiência várias vezes ao longo dos anos, especialmente com activistas políticos e advogados. *Os governos aplicam-nos regras diferentes*!

Durante cerca de uma semana, nós os dois identificámos, para além de qualquer dúvida razoável, mais de vinte agentes de vigilância e meia dúzia de veículos.

Até fazemos disso um jogo.

Fingimos que não os vemos a observar-nos com binóculos através da janela de um restaurante do outro lado da rua. Depois, entramos nessa estalagem, eu faço um telefonema suspeito e saímos a correr para um beco escuro. Vemos que nos estão a seguir e conseguimos despistá-los. Depois encontramos um local seco e vemo-los a correr durante horas à chuva para nos encontrar.

Por vezes, adoptamos uma abordagem diferente. Quando vejo uma cara demasiado familiar numa plataforma ferroviária, ando para cima e para baixo na multidão e examino cada indivíduo como se estivesse à procura de alguém. A maioria das pessoas deve pensar que sou um polícia. Mas o agente de vigilância fica nervoso.

Fazemo-lo em cada pequena cidade ao longo da fronteira durante uma semana ou mais. Vemos as mesmas caras e os mesmos veículos uma e outra vez.

No final da sua participação, o Miguel olha para mim e exclama: *Quando chegar a casa e contar à minha gente o que vi com os meus próprios olhos, eles não*

vão acreditar em mim!

O meu trabalho está longe de estar terminado.

Depois de desgastar as equipas de vigilância, retiro-me da região fronteiriça. Eles percebem que me estou a retirar e ficam muito contentes por poderem finalmente ter um descanso muito merecido! A guarda deles está em baixo. É nessa altura que faço a minha jogada!

Consigo entrar sem ser detectado noutro país neutro, a Bélgica. A partir daí, faço uma nova tentativa de entrar no Reino Unido. Mas falho. Sou expulso de novo, pela segunda vez no espaço de um mês. Sou obrigado a regressar à Bélgica.

A polícia de lá sabe obviamente que estou a chegar. Por isso, espero ser detido à chegada.

A conversa é então mais ou menos assim:

Policial: *Venha connosco.*

Eu: *Estou a ser preso?*

Polícia: *Não, só quero saber o que está a fazer aqui.*

Eu: *Ouvi dizer que há aqui umas igrejas muito bonitas. Vim vê-las.*

Policial: *Nós sabemos quem é.*

Eu: *Ok. Estou simplesmente à espera que chegue um correio com informações e fundos. Não estou a planear qualquer atividade no seu país. A não ser que insista, caso em que posso fazer um telefonema e virão para cá carros cheios de activistas.*

Policial: *Não, não faça isso! Tenho ordens para comunicar os vossos movimentos diariamente à capital nacional.*

Eu: *Conheces algum sítio barato para ficar? Estou com pouco dinheiro.*

Polícia: *De facto, há um hotel aqui perto. O dono pensa como tu. Sempre quis conhecê-lo, mas nunca tive uma desculpa. Fazemos assim, eu levo-o lá, apresento -o e explico-lhe a situação. Acho que ele te vai alojar de graça até o teu amigo chegar com o dinheiro.*

Eu: *Parece-me bem!*

Nós fazemo-lo. É mutuamente benéfico. Tenho um bom sítio para ficar e ele pode vigiar-me. Ele visita-me todos os dias. Bebemos cerveja *trapista* juntos. Faço-lhe o ponto da situação e conversamos. Ele apresenta-se na capital. Um dia, convida-me a acompanhá-lo numa viagem de carro pelo país e eu faço-o. Pára em todas as igrejas do caminho. Ele pára em todas as igrejas ao longo do caminho para que eu possa dar uma vista de olhos.

Este polícia deixa claro que não quer saber de nós. Mas *detesta o* nosso adversário! Ele NÃO quer fazer o FAVOR ao nosso adversário de se meter connosco!

Finalmente, chega o dia em que posso informar que reservei um lugar num voo

que parte no dia seguinte do aeroporto do país vizinho, nomeadamente o Luxemburgo.

Depois surpreende-me: *tenho uma sugestão. Deixa-me levar-te lá! Assim, posso dizer aos meus superiores que o pus pessoalmente no avião. E poupa no preço da viagem.*

Concordo de bom grado.

Nessa noite, gasto o resto do meu dinheiro numa refeição requintada. Espero que ele cumpra a sua promessa.

Ele fica com o dinheiro. Regresso aos EUA com 20 cêntimos no bolso. Uso-os para telefonar a um amigo que me vem buscar. Fico com ele até receber mais dinheiro para a última etapa da minha viagem de regresso.

Apesar dos esforços intensos do adversário, concluímos o projeto sem qualquer perda de homens ou de material.

O NSDAP/AO é o maior fornecedor Mundo da propaganda nacional-socialista!

Revistas impressas e online em vários idiomas

Centenas de livros em quase uma dúzia de idiomas

Mais de 100 sites em dezenas de idiomas